

<http://doi.org/10.47369/eidea-25-1-4488>

Recebido em: 23/09/2024

Aprovado em: 28/02/2025



A narrativa em perspectiva argumentativa Uma análise semiolinguística da crônica literária de Gregório Duvivier

Washington Elias Paes

Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8806-4070>

Este artigo investiga a encenação literária a partir do pressuposto de inerência de uma orientação argumentativa na narrativa, buscando responder ao seguinte questionamento: “Como a crônica (re)orienta o olhar do leitor?”. Para tanto, investiga-se uma crônica de Gregório Duvivier, objetivando, a princípio, descrever a orientação de seu modo de organização, com base nos pressupostos teóricos da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, articulada à Análise Argumentativa do Discurso e à Teoria Literária, e por meio de pesquisa bibliográfica. Por fim, organizado em três partes – apresentação da Semiolinguística, discussão sobre a orientação argumentativa no modo narrativo de organização do discurso e descrição do funcionamento dessa orientação em uma crônica de Duvivier – este texto visa demonstrar o funcionamento de alguns dos mecanismos pelos quais a crônica pode agir sobre seus leitores e, desse modo, contribuir com a formação de leitores capazes de inferir as abordagens de mundo presentes nas narrativas.

Palavras-chave: Semiolinguística. Narrativa. Orientação argumentativa. Crônica literária.

La narrativa en perspectiva argumentativa: un análisis semiolingüístico de la crónica literaria de Gregorio Duvivier

Este artículo investiga la escenificación literaria a partir del supuesto de inherencia de una orientación argumentativa en la narrativa, buscando responder a la siguiente pregunta: “¿Cómo la crónica (re)orienta la mirada del lector?”. Para ello, se investiga una crónica de Gregório Duvivier, cuyo objetivo es describir la orientación de su organización, basándose en supuestos teóricos de la Teoría Semiolingüística de Análisis del Discurso, articulada al Análisis Argumentativo del Discurso y a la Teoría Literaria, mediante una investigación bibliográfica. Finalmente, organizado en tres partes – presentación de la Semiolingüística, discusión sobre la orientación argumentativa en el modo narrativo de organización del discurso y descripción del funcionamiento de dicha orientación en una crónica de Duvivier – este texto pretende demostrar el funcionamiento de mecanismos mediante los cuales la crónica puede influir en sus lectores y, de este modo, contribuir a la formación de lectores capaces de inferir las visiones del mundo presentes en narrativas.

Palabras clave: Semiolingüística. Narrativa. Orientación argumentativa. Crónica literaria.

The narrative in an argumentative perspective: a semiolinguistic analysis of Gregório Duvivier's literary chronicle

This article investigates the literary staging based on the presupposition of the inherent argumentative orientation in the narrative, seeking to answer the following question: “How does the chronicle (re)orient the reader's perspective?” A chronicle by Gregório Duvivier is examined, aiming, in principle, to describe the orientation of its organizational structure, based on the theoretical assumptions of the Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis, articulated with Argumentative Discourse Analysis and Literary Theory, and through bibliographic research. Finally, this text organized into three parts – namely: the presentation of

Semiotinguistics, a discussion on the argumentative orientation in the narrative mode of discourse organization, and a description of how this orientation operates in a chronicle by Duvivier – aims to demonstrate the functioning of certain mechanisms through which the chronicle can influence its readers and, in doing so, contribute to the formation of readers capable of inferring the worldviews present in narratives.

Keywords: Semiotinguistics. Narrative. Argumentative orientation. Literary chronicle.

1 Introdução

*Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.
(Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago)*

No século XVIII, uma onda de suicídio atingiu a Europa; o motivo era peculiar: a publicação, em 1774, do romance “*Os sofrimentos do jovem Werther*”, de Johann Wolfgang von Goethe. Inspirados pelo personagem-título, que se suicida após sofrer uma desilusão amorosa, alguns jovens replicaram o ato suicida (Cruber, 2019). Esse caso histórico drástico, cujos detalhes fogem dos objetivos deste trabalho, ajuda-nos a refletir sobre a palavra como possível fonte de transformação dos modos de ver, de sentir e de agir do sujeito-leitor. Sendo a linguagem um lugar de (inter)ação humana, é por ela que os sujeitos agem e se influenciam mutuamente. Esse dado básico dos estudos linguísticos ganha novo contorno quando pensado a partir da realidade atual, em que os textos (verbais, gestuais, icônicos etc.) cercam a vida por todos os lados, circulam freneticamente em espaços digitais, podem ser carregados no bolso para qualquer lugar e acessados com poucos cliques. Logo, diante do mundo de hoje, justifica-se a reflexão sobre a linguagem como espaço de orientação de percepções, de valores e de atitudes, pois o outro está, hoje mais do que no século de Goethe, em toda parte.

Este artigo segue uma proposta de leitura crítica e, embora se concentre no gênero discursivo crônica, usa de instrumentos teóricos aplicáveis a outras semioses (HQs, filmes, séries, documentários e outros). Ler criticamente, neste trabalho, é ler discursivamente, estabelecendo sentidos possíveis a partir da configuração material do discurso situado em dado contexto de produção, bem como reagindo ativamente a esses sentidos. A leitura crítica exige um leitor que reaja, questione, avalie e se posicione em relação ao tema do texto (Feres, 2023, p. 42), uma vez que só há criticidade se houver questionamento, reflexão, dúvida, engajamento, tomada de posição e, especialmente, articulação com as demandas sociais (Feres, 2023).

Com esse propósito, investiga-se a encenação narrativa a partir do pressuposto de inerência de uma orientação argumentativa do texto/discurso, buscando responder a seguinte questão: “como a crônica (re)orienta o olhar do leitor?”. Para tanto, formulou-se a hipótese de que, na crônica literária analisada, uma concepção particular de paternidade sustenta a orientação argumentativa e, a partir dela, estrutura tanto a organização narrativa quanto a tessitura da crônica, fazendo do ato de contar uma forma criativa e produtiva de influenciar o olhar do leitor e sua percepção da realidade.

Adota-se como fundamentação teórica a Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, fundada por Patrick Charaudeau (2022, 2019, 2007, 2006, 2005, 2004 e 2001), articulada à Análise Argumentativa do Discurso (Amossy, 2020) e à Teoria Literária (Jouve, 2002; Moisés, 2013; Candido, 2003). O objeto da investigação é a crônica *O momento em que sua filha descobre a verdade sobre você*, de Gregório Duvivier (2018), publicada na Folha de São Paulo. Objetiva-se descrever a orientação argumentativa implícita na organização narrativa da crônica. Para isso, usa-se uma metodologia de pesquisa bibliográfica, exploratória e qualitativa (Paiva, 2019), ou seja, consultou-se artigos acadêmicos e livros publicados sobre o tema para construir uma visão panorâmica e exploratória do fenômeno de modo interpretativo, buscando compreender, descrever e explicar esse fenômeno social.

Inicialmente, apresenta-se a Semiolinguística, destacando os conceitos-chave relacionados à orientação argumentativa, como o *princípio de influência*. Em seguida, trata-se do modo de organização do discurso narrativo, enfatizando seu uso argumentativo. Por fim, analisa-se a crônica literária de Gregório Duvivier, descrevendo o funcionamento da orientação argumentativa implícita do texto e os mecanismos pelos quais ele poderia influenciar as percepções, as emoções, os valores e as crenças dos leitores.

2 Considerações teóricas e conceituais

A Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso foi fundada na década de 1980 pelo linguista francês Patrick Charaudeau, professor emérito da Universidade Paris XIII, na França. Para a Semiolinguística, o discurso, um jogo comunicativo situado, “se estabelece entre a sociedade e suas produções languageiras” (Machado, 2001, p. 46) e, por conseguinte, deve ser investigado dentro de uma situação de comunicação, buscando não se afastar da linguagem materializada em um *corpus* de análise, isto é,

de um conjunto de textos concretos. Essa teoria segue o que está, de certo modo, colocado por sua etimologia. Segundo Charaudeau (2005), “semio-”, de *semioses*, refere-se à construção de sentido por uma relação forma-sentido, e “linguística”, refere-se aos diversos materiais linguageiros possíveis para essa relação. Para fins de análise semiolinguística, consideram-se as condições situacionais do ato de comunicação, seus procedimentos discursivos e sua formalização/materialização no texto (Charaudeau; Maingueneau, 2004). Como prática de análise que considera múltiplos níveis da interação linguageira, essa abordagem se debruça sobre o discurso, buscando regularidades e associando seus modos de organização às identidades, aos papéis dos sujeitos da comunicação, aos imaginários sociais e às maneiras de falar/escrever (Machado, 2001).

Rebello (2021) afirma que:

Não há como dissociar a língua dos sujeitos e da sociedade. Todo texto é produzido por sujeitos dotados de características psicossocioafetivas e cognitivas, que fazem parte de uma sociedade e, portanto, ao tomarem a palavra, em sentido amplo, dão mostra de **ideologias** que criam e reforçam determinados **imaginários sociais** (Rebello, 2021, p. 16, grifo da autora).

Logo, consideram-se indissociáveis os campos do DIZER e do FAZER (Rebello, 2021), criando diálogos entre os componentes psicossociais, situacionais e discursivos. Para dar conta disso, observam-se os sujeitos interagindo por meio de *atos de linguagem*, conceituados como uma totalidade da encenação linguageira. Essa encenação é composta por dois circuitos: um circuito interno (discursivo, o DIZER) e outro externo (situacional, o FAZER). Segundo Charaudeau (2004), esses atos têm significado em função da situação de comunicação na qual são produzidos, da identidade e da intencionalidade dos sujeitos, do tema de que tratam e de suas circunstâncias materiais. O ato de linguagem aciona, no mínimo, dois sujeitos psicossociais que interagem no mundo físico e real (circuito externo): Eu-comunicante (Euc) e Tu-interpretante (Tui). Esses sujeitos colocam em jogo na cena enunciativa (no circuito interno) outros dois sujeitos discursivos: Eu-enunciador (Eue) e Tu-destinatário (Tud). Isso pode ser visualizado a seguir:

Figura 1 – O ato de linguagem e seus sujeitos



Fonte: Charaudeau (2019, p. 52).

Essas relações formam o dispositivo da encenação da linguagem, isto é, a *mise en scène*, o mundo das palavras, o espaço do DIZER. A encenação sucede da troca comunicacional entre sujeitos dotados de intencionalidade, com identidades e com desejo de influenciar, mas “jogando” sob as restrições de um (ou mais) contrato(s) comunicacional(is). O contrato de comunicação é, para Charaudeau (2007), a primeira sobredeterminação do sentido dos discursos.

O espaço do DIZER ocupa uma das acepções do conceito de discurso em Semiolinguística: discurso como fenômeno da encenação do ato de linguagem, o “lugar da encenação da significação” (Charaudeau, 2001, p. 25) e da organização do dizer, vinculando-se estritamente ao circuito interno do ato de linguagem. Carrega, porém, as coerções situacionais da encenação linguageira, do espaço do FAZER, que o sustenta. Como se depreende da Figura 1, o discurso já engloba os componentes situacionais, pois os dois circuitos são imbricados (Rebello, 2021). Outra acepção de discurso o define como “imaginários sociodiscursivos”, os saberes construídos e compartilhados pelos indivíduos de um dado grupo social (Charaudeau, 2001). Refere-se, assim, às identidades dos indivíduos dentro de um grupo e a como eles se percebem e percebem o mundo.

Os sujeitos, articulados no quadro da Figura 1, usam a linguagem para transformar um “mundo a significar”, o mundo real bruto, em um “mundo significado”, signos inteligíveis e comunicáveis a um sujeito destinatário. Esse é o *processo de semiotização do mundo* (Charaudeau, 2005), que se efetiva em um duplo movimento: o processo de transformação “significa” os fenômenos do mundo, tornando-os comunicáveis, e o processo de transação dá-se pelas trocas entre os sujeitos a partir desse “mundo já significado”; o sujeito, posto diante de outro sujeito em interação, é guiado por princípios que, *grosso modo*, refletem um postulado de intencionalidade (Charaudeau, 2005).

Para Charaudeau (2019), intencionalidade equivale a *projeto de fala*, descrito por Ribeiro (2021, p. 61) como a “mobilização de ações protocolares e, também, estratégicas sobre o outro, com vistas a influenciá-lo”. Deste modo, todo ato de linguagem é regido por coerções e protocolos (o que se pode dizer?) e por estratégias (como dizer?) de um sujeito que aciona, em dada situação comunicativa, certas “formas gramaticais e lexicais e suas combinações, reveladoras de um projeto de fala subjacente” (Ribeiro, 2021, p. 61), selecionando sempre um tipo de visada, como “fazer crer” e “fazer saber” (Ribeiro, 2021). Por isso, afirma-se que os discursos são determinados pela finalidade comunicativa que os motiva (Feres *et al.*; 2023).

O princípio de influência, presente no processo de transação, é essencial para o percurso teórico deste trabalho e será, por isso, o único descrito nesta análise, embora haja ainda os princípios de alteridade, de pertinência e de regulação (Charaudeau, 2005). O princípio de influência postula que “*todo sujeito* que produz um ato de linguagem visa atingir seu parceiro, seja para fazê-lo agir, seja para afetá-lo emocionalmente, *seja para orientar seu pensamento*” (Charaudeau, 2005, p. 6, grifo nosso). Liga-se à argumentação justamente por revelar o desejo do sujeito de agir sobre o destinatário e/ou de ter seu discurso aceito por ele, originando também as “visadas discursivas”, definidas por Cardoso (2021, p. 142) como:

[...] atitudes que determinam a orientação do ato de linguagem em função da relação que o sujeito falante quer instaurar com seu destinatário (prescrição, solicitação, incitação etc.). Assim, as visadas garantem que a configuração de um gênero discursivo vá ao encontro de uma finalidade comunicativa (intencionalidade) (Cardoso, 2021, p. 142).

Portanto, “visadas” são as atitudes e intenções comunicativas que orientam a produção e a recepção dos discursos. São passíveis de definir a finalidade de uma

situação, além de serem classificadas com base na intenção do enunciador, na posição do interlocutor nas relações de autoridade e de força simbólica entre os atores da interação. Por exemplo, uma visada de instrução (“fazer saber-fazer”) depende de um sujeito comunicante com autoridade para isso (Charaudeau, 2004), como um professor, no caso da interação em sala de aula.

Influência, intencionalidade e visada discursiva retomam um dado básico dos estudos linguísticos: ao falar ou escrever em situações reais de uso da língua, o sujeito possui objetivos (visadas discursivas) e age sobre o outro. Esses fatos direcionam a composição material do discurso em gêneros, afetando até mesmo a constituição linguística interna do texto. Essas relações de encadeamento foram descritas por Ribeiro (2021), ao tratar da concepção de língua na Semiologia:

A partir de um *querer dizer*, dado por uma intencionalidade ampla (a definir, por exemplo, uma visada como a de “fazer crer”) e por uma intencionalidade restrita (considerando-se que se pode “fazer crer”, por exemplo, pela qualificação), define-se um *como dizer* (expressão estratégica), em função de um *poder dizer* (expressão protocolar), diante do que está disponível no sistema e do que é autorizado por um gênero situacional. Ao término desse circuito, alçamos o sentido como um fenômeno de intencionalidade, a partir da expressão que a materializa (Ribeiro, 2021, p. 72).

Essa materialização é o texto, independentemente de suas semioses. Todos os textos materializam a encenação de um ato de linguagem e respondem a finalidades situacionais e a projetos de fala. Isso estabelece regularidades “que permitirão classificá-los em diferentes gêneros discursivos” (Xavier, 2021, p. 97). Charaudeau (2004) recoloca a questão fundamental da classificação dos textos em gêneros, articulando a ancoragem social dos discursos, as recorrências formais, os domínios e situações de comunicação em uma abordagem que tensiona o externo e o interno do ato de linguagem. Para Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 132), “a teoria do contrato remete a uma teoria do gênero, pois pode-se dizer que o conjunto de coerções trazido pelo contrato é o que define um gênero de discurso”.

O ato de linguagem, materializado em um texto/gênero, configura-se por meio dos modos de organização do discurso, objeto de discussão do próximo tópico.

3 Narrativa literária e argumentação

Na Teoria Semiolingüística de Análise do Discurso, o texto é resultado das ações de sujeitos que, mais ou menos conscientes das restrições de uma dada situação de comunicação, manipulam estrategicamente categorias de língua ordenadas por modos de organização para produzir sentido (Charaudeau, 2019). Os modos de organização refletem o empenho do locutor de produzir enunciados que respondam às expectativas e aos objetivos da situação. Para o autor, há quatro modos de organização: enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo (cf. Charaudeau, 2019). Reserva-se aqui a reflexão sobre como alguns aspectos do modo narrativo estabelecem uma orientação argumentativa por meio do que Feres (2021) denominou de “persuasão projetiva”. Assumimos como pressuposto teórico que a troca verbal (falada ou escrita) tem a finalidade essencial de estabelecer laços de influência, buscando convencer, persuadir ou seduzir o interlocutor, sempre a partir dos sentidos que o sujeito comunicante atribui ao mundo (Charaudeau, 2006, 2022). Em outros termos, todo discurso é, em algum grau, argumentativo.

Para que haja narrativa, é necessário haver um “contador” que busca transmitir uma representação de mundo (intencionalidade), consciente ou não, a um destinatário (Charaudeau, 2019). Para Xavier (2021, p. 110), o modo narrativo de organização do discurso “consiste em construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato”. Com isso, forja-se uma realidade outra de um universo contado, o universo diegético, cuja finalidade argumentativa se revela nas estratégias de persuasão, geralmente baseadas em visadas patêmicas e estratégias de captação por dramatização. Não há, geralmente, uma argumentação explícita, mas, ao se descrever e narrar personagens e ações, revelam-se e compartilham-se representações sociais, imaginários sociodiscursivos, posicionamentos e emoções, frutos de “um sujeito que cria seu texto a partir de dados extraídos de sua cultura, de suas convicções e de seu ethos, enfim, do universo discursivo que lhe é próprio, a ele, sujeito-individual único” (Machado, 2001, p. 52). Isto é, como resultado de uma vontade criadora, o texto é sempre analisável como materialização de uma intenção de convencer (Jouve, 2002), mas efetuado, na narrativa, pela sequência de ações e descrições mostradas pela trama. Com isso, “deixa-se ver”, ou melhor, “faz-se ver” conceitos, argumentos, teses, posicionamentos e perspectivas da realidade por meio dos gestos de ordenação do

“mundo narrado”, que é um produto das “particularidades apreensivas e interpretativas do autor” (Sacchini, 2022, p. 50).

Para Feres (2021), as representações sociais são acionadas na narrativa pela figurativização de personagens, ações, tempo e espaço, cujo efeito é de ancorar o “novo” do texto sobre o já conhecido e de tornar mais palpável “uma ideia nova, um novo ponto de vista, ou algo quase indizível” (Feres, 2021, p. 2946). Essa autora adota a nomenclatura usada por José Luiz Fiorin (2022), para quem figura(tivização) remete a algo existente no mundo natural, como árvores, sol e vermelho; e tema(tivização) remete a categorias conceituais, como elegância, orgulho ou raciocínio. Os temas e as figuras são determinados, em qualquer texto, pelo contexto sócio-histórico e pelo caráter ideológico de seu discurso (Fiorin, 2007). O uso de figuras, como nas obras infantis, tende a tornar o conteúdo mais tangível e, por isso, mais compreensível.

Como estratégia argumentativa, esse “mostrar” tende a sustentar um “fazer crer”/ “fazer sentir”, ou seja, orientar os modos de ver e de sentir do outro. Justamente para demarcar essa perspectiva discursiva de argumentatividade ou de orientação (Amossy, 2020), optamos por dizer que a argumentatividade, nesses casos, é fruto da orientação argumentativa desencadeada por um “mostrar”, que incita o leitor a “compartilhar modos de pensar, de ver, de sentir” (Amossy, 2020, p. 12). Orientar é, antes de tudo, encenar o mundo pelos movimentos da narrativa. Está implícita, em todo caso, uma intencionalidade do EUC, que se apoia em uma “tese”, concebida neste artigo como um sentido particular sobre o mundo, e que busca agir sobre o leitor pela captação de sua identificação diante de fatos e situações dramatizadas. Esse processo foi chamado por Feres (2021) de “*persuasão projetiva*”, a partir do conceito de “*atitude projetiva*” de Charaudeau (2004). Nesse sentido, de modo geral, “ao se projetar nas cenas narradas, o leitor toma aquelas ações como suas e se vê na condição das personagens, sendo levado a uma movimentação interior a respeito do tema” (Feres, 2023, p. 118).

Para Charaudeau (2004), a produção da narração “propõe” ao outro uma trama do mundo do qual ele pode ou não fazer parte, permitindo-o se identificar com as personagens. O engajamento afetivo desempenha, assim, importante papel no ato de ler, o que, para nós, se vincula à noção de *persuasão projetiva*, na medida em que “as emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção” (Jouve, 2002, p. 19). Por outro lado, na argumentação, o sujeito “impõe” seus raciocínios e argumentos, obrigando o outro a se incluir num certo

esquema de verdade. Por isso, Charaudeau adjetivou a primeira atitude com “projetiva” e a segunda, “impositiva”. O valor do uso argumentativo do texto narrativo está no fato de que a não identificação do interlocutor com o relato não anula a narrativa em si e, pode-se dizer, sem grandes riscos, que não anula o que ela coloca em jogo nos circuitos literário e social. Não se identificar, não significa “anular” e tampouco não “considerar” refletir sobre a questão, mas somente não “aceitar”, “concordar”, “assimilar” ou reação cognitiva similar de adesão do discurso subjacente ao relato. Ademais, como na narração tese e argumento(s) ficam implícitos, eles não são facilmente apreendidos e atacados.

Conceito basilar para este trabalho, “*persuasão projetiva*” parece inscrever-se em uma visada de “fazer crer”, pois, de certo modo, responde às questões de “*como fazer para o outro ser levado pelo que digo?*” ou “*como captar o leitor?*”. O sujeito argumentante, em função dos alvos de influência e de seu projeto de fala (Charaudeau, 2004), pode usar, então, estratégias

[...] de persuasão e de dramatização, objetivo que levará o sujeito a instaurar uma atividade discursiva feita de analogias, de comparações, de metáforas etc. que se apoiam mais em crenças do que em conhecimentos para forçar o outro a partilhar certos valores ou a sentir certas emoções (Charaudeau, 2004, p. 43).

Em narrativas literárias, organizadas predominantemente pelo modo narrativo, o narrador/escritor não se dirige ao leitor dizendo “Y porque X” ou “Se Y, portanto (logo) X”, mas “fazendo-o ver” personagens, ações, espaços e tempos. É proposto ao leitor, que poderá se vincular por identificação ao relato, conclusões como “Y porque X”. Ler pela organização narrativa é apoiar-se, em grande parte, no jogo de figuras e entre as figuras em ação para alcançar seus temas. Essa leitura demanda do leitor capacidade inferencial, de ver com a mente o que não está diretamente posto aos sentidos (Leffa, 2021) e notar os aspectos argumentativos, que frequentemente estão implícitos no texto (Charaudeau, 2019). Essa tensão figura-tema parece evocar um conceito essencial de leitura, por ser geral e basilar, como “o ato de olhar uma coisa e ver outra” (Leffa, 2021, p. 140).

Para a Semiologia, textos literários e narrativos, de modo geral, não são textos “argumentativos” em sentido estrito, visto que não se organizam a partir dos elementos do modo argumentativo (cf. Charaudeau, 2019), de caráter racionalista e dialético. Contudo, Charaudeau (2019), assim como Amossy (2020), não restringe a argumentação, em sentido amplo, às construções discursivas suportadas pelo modo

argumentativo, pois “a argumentação não se limita a uma sequência de frases ou de proposições ligadas por conectores lógicos” (Charaudeau, 2019, p. 203). Como se demonstrará, em todo texto há uma orientação do pensamento e uma excitação de emoções (Ferreira, 2023), que tendem a se unir no texto literário e influenciar emoções e pensamentos do leitor.

Para Ruth Amossy (2020), “argumentação” corresponde ao meios verbais usados para defender uma tese diante de outro(s) sujeito(s), mas também para “orientar suas maneiras de ver, ou de suscitar um questionamento sobre um dado problema” (Amossy, 2020, p. 47). Dessa forma, há discursos prototipicamente argumentativos, com *visada argumentativa*, e discursos com apenas uma *dimensão argumentativa*. De um lado, há textos organizados principalmente pelo modo argumentativo de organização do discurso; de outro, textos que se configuram por outras organizações textuais e discursivas, mas que não deixam de apresentar uma dimensão do real e orientar o olhar e o pensamento (Amossy, 2020; Monnerat, 2021). É a esse fenômeno que estamos chamando de “orientação argumentativa”.

Esse gesto de leitura carece de um sujeito-leitor que compreenda personagens, ações e acontecimentos como figurativizações de um tema (uma abstração) e decifre possíveis relações entre o mundo ficcional e o mundo real. O que vejo na trama enuncia algo sobre o mundo? Para responder a essa pergunta, devem-se observar, entre outras questões, alguns pontos levantados por Charaudeau (2019): quem age na história, como age e sobre quem ou o que age, que papéis estão em jogo (aliado, oponente, vítima, beneficiário, benfeitor, agressor e outros), e as funções dos atos. O que as personagens buscam alcançar? Como o estado inicial se altera? Qual a situação final da narrativa (êxito ou fracasso)? Quais efeitos o tempo, o espaço e o tipo de narrador criam? Efeitos de ficção ou de realidade? O relato estimula o leitor a tomá-lo como real ou como ficção?

Para Charaudeau (2019), a descrição de um fato ou contação de uma história para reforçar uma prova ou para produzi-la chama-se “*descrição narrativa*” (p. 239), um componente do modo narrativo que pode desenvolver um raciocínio dito “por analogia” ao criar efeito de exemplificação. Segundo o autor, histórias contadas para “explicar”, como alegorias e parábolas, são descrições narrativas. Entendemos, nesse caso, que há uma espécie de argumentação direcionada ao sujeito real e que se dá por um raciocínio analógico ou, em outros termos, por correspondência (Fiorin, 2020): a partir do que acontece na narrativa, portanto, com um outro ser diferente

do leitor/ouvinte, o sujeito empírico conclui algo sobre si e sobre o mundo em que vive.

Embora seja possível prever possíveis sentidos a partir de um nível abstrato de estruturas, funções e posições semanticamente “vazias”, o sentido real da narrativa só se alcança com seu preenchimento semântico. Isso significa dizer que o leitor pode e deve inferir efeitos de sentido dos componentes e estruturas abstratas e subjacentes, em um nível da lógica da narrativa (Charaudeau, 2019), mas deve compreender que é somente na discursivização ou na encenação que, de fato, uma sequência criará sentidos como, por exemplo, de punição ou de premiação. Assim, na encenação discursiva, o nível lógico da narrativa ganha corpo e dimensão social, passível de reflexão crítica, pois efeitos de sentido surgem quando os papéis actanciais se fixam a personagens e a objetos e, assim, figurativizam e tematizam elementos do mundo extradiscursivo, enunciando algo sobre ele.

Por exemplo, em *O Primo Basílio*, de Eça de Queiroz, e em *Anna Kariênina*, de Liev Tolstói, a noção de discurso/encenação como representante de uma perspectiva de mundo, que argumenta contra o adultério feminino, só se coloca no horizonte por “mostrar” personagens femininas traindo seus cônjuges e, ao fim das tramas, morrendo por adoecimento (por desgosto) ou por suicídio. Questionamento como “se o personagem infiel fosse do polo masculino da relação, ele morreria?” fundamenta-se nas escolhas de figuras e de temas para constituírem a encenação. Em se tratando de literatura, especialmente da realista/naturalista, as recorrências históricas de preenchimento semântico de certas posições, funções e ações da lógica narrativa no nível da encenação discursiva reforçam esse tipo de leitura sociocrítica. Ler pelas estruturas narrativas é herança da semiótica narrativa de Vladimir Propp, desenvolvida também, com suas particularidades, na Semiótica Discursiva, de Greimas, e na Semiologia, de Charaudeau¹.

O leitor poderia fechar os olhos e ver os personagens sobrepostos às paisagens, envolvidos em ações e reações dentro de um outro mundo, como um drama a se desenrolar diante de si. “Os personagens, com seus gestos e ações, mostram a história” (Feres, 2023, p. 62). Cabe, neste caso, ao leitor do conto *João e Maria*, por exemplo, inferir os possíveis sentidos da encenação, considerando, especialmente, a

¹ Para mais informações, conferir o capítulo “Modo de organização narrativo”, em *Linguagem e discurso: modos de organização* (Charaudeau, 2019, p. 151-200).

organização narrativa do discurso, atentando-se para a argumentatividade do texto e realizando, entre outros, os seguintes gestos:

- a) **Sequências narrativas:** O que se explicita no enunciado? O relato faz o leitor ver, de imediato, o quê?
- João e Maria, perdidos na floresta, encontram e entram numa casa de doces, sendo recebidos por uma senhora desconhecida, uma bruxa malvada que tenta capturá-los para comê-los. Os irmãos, após algumas dificuldades e aflições, conseguem enganar, matar e, com isso, vencer a bruxa malvada.
- b) **Inferências:** Quais sentidos podem ser (re)construídos a partir do que se relata sobre os personagens, as ações, os lugares, os tempos, as causas e as consequências etc.? O que se percebe como uma intencionalidade de “fazer reparar”? O que o relato permite ao leitor concluir a partir de seus saberes e experiências?
- Logo, quem entra em locais desconhecidos ou aceita doces de pessoas desconhecidas pode correr perigo. Isso é o que se entende das ações, assim como se depreende que a união ou o amor fraternal pode superar grandes adversidades.
- c) **Orientação argumentativa:** Que perspectiva de mundo está posta para ser aceita ou rejeitada pelo leitor? O que se percebe como uma intencionalidade de “fazer considerar”? O relato parece desejar levar o leitor a quais concepções, posicionamentos ou atitudes?
- Por analogia, assim como João e Maria, não devemos “aceitar doces de estranhos” e precisamos nos unir contra as adversidades do mundo.

Os textos defendem, sempre, uma “tese” ou “uma mensagem” (Feres, 2021), situando o narrador/escritor em uma perspectiva da realidade a ser compartilhada. De modo similar ao percurso exposto anteriormente, com *João e Maria*, se um homem cego, ao tocar um filhote de lobo, nota o perigo de deixá-lo entre o rebanho de ovelhas, *está-se dizendo pela própria sequência de ações:* “a disposição dos maus muitas vezes até mesmo pelo corpo se revela”, como vemos na fábula *O homem cego*, de Esopo (2024, p. 69). Essa é a tese textualmente “dita” da história, mas também se poderia inferir, pela encenação, pressupostos como: nessa perspectiva de mundo, “o

mal possui uma forma física” e “a aparência revela o caráter”. Essas leituras surgem da observação de elementos como: quem age, como age, sobre o que age, os papéis em jogo e as mudanças de estado. Na seção a seguir, encontra-se uma demonstração da aplicação desses apontamentos teóricos.

4 Análise da crônica literária de Gregório Duvivier

Uma das formas literárias mais populares no Brasil é a crônica. Segundo Massaud Moisés (2013), ela narra um acontecimento diário que tenha chamado a atenção do escritor (ancoragem social do discurso) e se caracteriza por uma expressão literária híbrida, entre a poesia e o conto. É o gênero das ruas, da conversa à toa, do “escrever de bermuda”, sem grandes compromissos em um mundo menor (Santos, 2007). Essas coerções revelam-se na superfície do texto pela macro-organização discursiva e pelos recursos linguísticos usados pelo escritor, que busca dar tratamento estético aos acontecimentos mais banais, já que, sem distinção estética, a crônica tende a desaparecer à medida que se afasta do evento que lhe deu causa (Moisés, 2013). Geralmente, passeia entre o lírico e o coloquial, entre o poético e o corriqueiro, entre o tema banal e a imagem sublime. Esses níveis de coerção, já comentados anteriormente neste trabalho, criam recorrências formais que nos permitem classificar o gênero crônica, separando-o dos demais.

Considerando a presença dessa e de outras restrições contratuais, analisaremos a crônica *O momento em que sua filha descobre a verdade sobre você*, escrita por Gregório Duvivier e publicada no jornal Folha de São Paulo, em 22 de abril de 2018². Na história, o narrador, que está em busca de fazer com que seu bebê pare de chorar, acaba confessando suas angústias diante da novidade da paternidade e dos desafios de criar a filha sem “saber nada”. Em seu último parágrafo, lemos: “Filha, vou precisar de você. Seu pai também, coitado, acabou de nascer. Tá perdidinho. Me ensina a parar de chorar que nisso você já tá melhor que eu” (Duvivier, 2018).

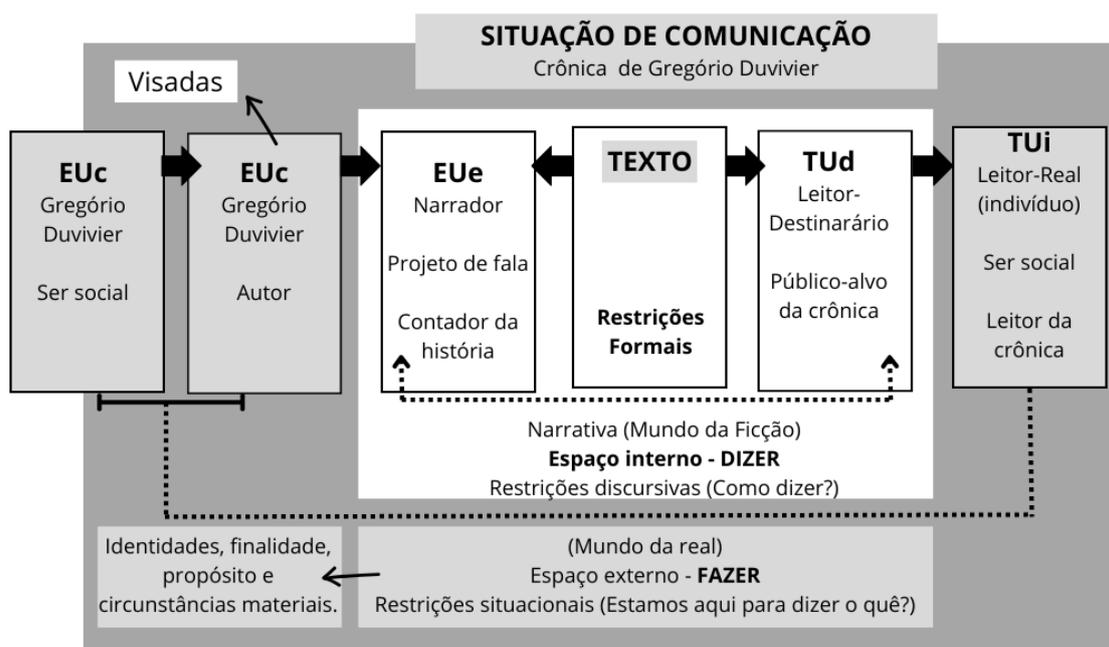
Essa crônica foi selecionada como *corpus* de análise por dois motivos principais: sendo uma crônica literária, com presença de um contador/narrador, personagens e sucessão de ações construindo uma história, mesmo sintética, há um relato a ser analisado em termos de organização do discurso narrativo, como aqui propomos; o

² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregoriioduvivier/2018/01/1952243-o-momento-em-que-sua-filha-descobre-a-verdade-sobre-voce.shtml>.

segundo motivo é a ausência na crônica selecionada de características argumentativas explícitas, posicionamento partidário ou predominância de crítica social, o que significaria dizer, no senso comum, que não se trata de um texto controverso, polêmico ou politicamente engajado. Além disso, considerou-se a atualidade do debate sobre a paternidade, assim como os desafios e as contribuições para a análise argumentativa de um *corpus* que expressa a sensibilidade característica da escrita de Duvivier.

Seguindo a perspectiva semiolinguística de gênero, representamos na Figura 1 esse ato de linguagem:

Figura 1 – O ato de linguagem e seus sujeitos



Fonte: Elaboração própria com base em Charaudeau (2019, p. 77) e Cardoso (2021, p. 145).

Gregório Byington Duvivier³, conhecido como Gregório Duvivier, é um ator, humorista, roteirista e escritor brasileiro, nascido em 1986, no Rio de Janeiro, onde reside atualmente. Destacou-se, a partir de 2012, como um dos fundadores do canal de esquetes de humor *Porta dos Fundos*, no YouTube. É conhecido também por seus trabalhos como roteirista, escritor e comentarista político. Na figura 1, essas informações, representadas pelo EUC (Eu-comunicante) inserem-se no quadro

³ Informações biográficas conforme https://pt.wikipedia.org/wiki/Greg%C3%B3rio_Duvivier.

externo (FAZER) que representa as coerções do ato de linguagem sobre o espaço discursivo ou interno (DIZER). O EUc (Eu-comunicante) Gregório Duvivier é um ser social, isto é, um indivíduo psico-socioafetivo, cujas identidades sociais de autor e de pai são reconhecidas socialmente. Ser “autor” lhe dá legitimidade para tomar a palavra, construindo uma identidade discursiva por meio dos modos de organização do discurso e de manipulação dos imaginários sociodiscursivos. Como veremos, a identidade discursiva, por mais que resulte das escolhas feitas pelo autor/cronista, é influenciada pela identidade social de Duvivier: homem e pai inserido nas relações socioculturais brasileiras contemporâneas. Restrições situacionais da comunicação, como a relação de prestação de serviço ao jornal Folha de S. Paulo, também motivam a organização discursiva, na medida em que condicionam quais discursos poderiam circular na Folha e quais discursos seriam interditados por ela.

O EUc Gregório Duvivier (autor), conforme o quadro branco da Figura 2, projeta no ato de comunicação um EUE (Eu-narrador), o narrador da crônica. O EUE é uma construção discursiva que resulta de um projeto de fala. No texto analisado, o EUE representa o próprio narrador da crônica. Esse mundo de ficção, projeto de dizer, convoca um TUD (Leitor-Destinatário) discursivamente idealizado, um público-alvo específico, que seria o leitor de crônicas e de produções do Gregório Duvivier, assim como interessados pela temática familiar desse texto em particular. No entanto, como o Tu-destinatário é uma abstração criada pelo cronista, o TUI (Leitor-Real), o ser social que, de fato, lê a crônica, pode não coincidir com o destinatário idealizado. Por esse motivo, Charaudeau (2019, p. 56) afirma que o ato de linguagem é “uma expedição e uma aventura”. De um lado, há um sujeito comunicante com um projeto expedicionário de comunicação, o Duvivier, jogando com protocolos e com estratégias, mas, como o sucesso do intento depende da coincidência de TUI com TUD, não há garantia de sucesso e, por isso, o ato de linguagem é uma ventura.

O êxito aqui também depende da elaboração textual da crônica, que deve considerar o nível situacional e discursivo; este último com seus modos de organização. Em *O momento em que sua filha descobre a verdade sobre você*, Gregório Duvivier elabora uma espécie de crônica “biográfica lírica” ao optar por uma projeção discursiva de enlace entre autor e narrador, forjando a “*identidade de um indivíduo que vive e age na vida social [...] testemunha de uma história vivida*” (Charaudeau, 2019, p. 185), o que se materializa no uso da primeira pessoa do singular (“já morria de medo”, “Minha filha”, “assisti milhões de vídeos”). Essa presença na narrativa cria

um efeito de realismo e apela ao compartilhamento de pensamentos e experiências (Charaudeau, 2019). Ao efetuar tais escolhas linguístico-discursivas, o narrador-cronista convoca um leitor que receba o texto como verídico, testemunho de uma “história vivida”, e compartilhe com ele, ao menos durante a interação com o texto, as aflições paternas.

Não se pode negar que a identidade social de pai de Gregório Duvivier contribui para o efeito de “simples representação do real”, legitimando socialmente o seu dizer, mas, antes disso, pode-se dizer que é a identidade social e os objetivos do escritor que o levaram à crônica, ao gênero discursivo em que tudo é vida (Candido, 2003). Os níveis situacional e discursivo parecem justificar a opção por semiotizar justamente o nascimento da filha e por fazê-lo nos moldes que encontramos na crônica (um mundo já significado). O nível situacional justifica também a legitimidade social obtida pelo escritor/cronista, já que, supostamente, ele fala através de uma perspectiva de mundo que é um produto das experiências de um pai “de verdade”, de um sujeito social empírico. O nível discursivo, onde encontramos os modos de organização e o gênero escolhido, está, assim, em harmonia com o nível situacional.

O discurso se formaliza/materializa por um estilo coloquial de linguagem (“Achei que fosse resolver no mano a mano”, “Vira pro lado, shh, shh, oferece o mindinho, shh, shh”, “Tá perdidinho”), que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural (Candido, 2003), contribuindo para que o leitor se identifique com a personagem e os eventos da narrativa intimista. Como toda crônica, o contrato do gênero já antecipava o que encontraríamos aqui materializado: uma linguagem simples e um olhar diferente sobre o cotidiano, ressignificando a vida comum, reescrevendo-a, mas salientando as dimensões de interesse do escritor. É o gênero que antecipa o caráter cotidiano do tema “paternidade”, narrado sob um ponto de vista subjetivo e com um uso criativo da linguagem (Cardoso, 2021, p. 165). Gregório Duvivier nos leva a refletir sobre a experiência de ser pai e direciona nosso olhar, mesmo que por “uma simples tentativa de apresentar uma dimensão do real” (Amossy, 2020, p. 44), com um dizer-mostrar que nos leva a ver e a considerar.

Opondo-se às expectativas dos leitores habituais de Duvivier, acostumados a vê-lo comumente como um intelectual, o narrador da crônica “não sabe” o que fazer. O adulto aqui assume o papel de um pai “idiota”, que chora, “não sabe nada” e está perdido. Em termos de ações e personagens, deixamos uma situação inicial de segredo, na qual há uma verdade escondida e um pai que teme sua descoberta pela

filha, conforme o título da crônica, e chegamos a uma situação final de desvelamento total desse segredo, marcado por uma “inversão” de papéis actanciais: o pai é o beneficiário do ensinamento da filha (“Me ensina a parar de chorar”); ele regride à fragilidade, de um “coitado”, que “acabou de nascer” e necessita de um benfeitor, a bebê. É aqui também o gênero literário que autoriza esse discurso: sendo uma fabulação, um produto artístico, o pai pode dizer não saber cuidar da própria filha, sem sofrer consequências legais, o que não seria aceitável em muitos outros gêneros.

Esses dizeres e interações confrontam certos imaginários que concebem o pai como aquele que acalma os filhos, sabe sempre o que deve ser feito e o que está fazendo. O discurso, agora entendido em sua segunda acepção, como “imaginário sociodiscursivo” (Charaudeau, 2001), refere-se às interpretações da realidade compartilhada pelos sujeitos de um grupo, aos modos de apreensão do mundo e aos universos de pensamento que circulam sociodiscursivamente. Existem, nesse sentido, deslocamentos na crônica que já indicam novas incursões ou perspectivas sobre a realidade: o pai “provedor” e “brincalhão”, responsável por financiar a vida dos filhos e fornecer-lhes momentos de lazer e divertimento, é substituído por um pai “cuidador”, central para a tese/mensagem da crônica. Essa relação posta em cena já nos incita a considerar as relações sociais no mundo extra-narrativo na busca de sentido para a crônica, justamente por ela representar um imaginário emergente e pouco usual de pai. Ele é discursivizado como aquele que cuida, enquanto a mãe dorme “um sono merecido”. De um lado, temos um pai que “acabou de nascer”, pois se transformou em pai no ato de nascimento da filha; de outro, uma “mãe”, que embora não seja personagem do relato, remete o leitor, pela presença desse signo, aos imaginários sobre o gênero feminino, treinado desde criança, ainda que por meio de brincadeiras, para prover o “cuidado”. Enquanto o pai aprende a ser pai na caminhada, a mãe é sistematicamente treinada em nossa cultura para ser mãe. O leitor-real é, assim, levado a observar “outra paternidade”, reparando nesse fenômeno a partir do que o texto encena, para (re)pensar o mundo e a si mesmo.

O cronista/escritor situa-se em uma perspectiva de mundo, na qual a paternidade envolve o cuidar e é, provavelmente por causa dessa “novidade”, um desafio para o qual ele não estava preparado (“Foi ali, só nós dois, no lusco-fusco, que ela percebeu tudo. Aos três dias de vida, vi no fundo dos seus olhos que ela tinha descoberto que o seu pai não fazia a menor ideia do que tava fazendo”). O desespero do pai diante da tarefa de fazer o bebê parar de chorar permite ao leitor questionar e (re)pensar o

fato relatado e, sobretudo, sua própria realidade social e individual, os papéis de gênero e o conceito de paternidade atuais. Essa proposta de paternidade, a nosso ver, pode ser formalizada por uma relação argumentativa cujo modo de encadeamento é por consequência (Charaudeau, 2019): “Se Y, portanto (logo) X”. Se você é pai de primeira viagem, (logo) se sentirá perdido. Ou, numa espécie de tese-definição, poder-se-ia dizer: “Paternidade é instabilidade e insegurança. É aprender no processo”. E isso é banal ao ponto de ser encontrado em um gênero situado ao rés-do-chão (Candido, 2003), que é a crônica.

Ao se identificar com a cena dramatizada, estratégia de captação que tende a lhe causar uma reação emocional, o leitor-real poderá ser cooptado a não só concluir a leitura do texto, consumindo integralmente o projeto de fala do escritor, como também a ver e considerar o mundo pelas lentes subjetivas do narrador/cronista. Afetado pela dramatização, o leitor poderá identificar-se com a personagem do pai “marinheiro de primeira viagem” ao ponto de ser “ensinado” por ele, aprendendo a ver a relação familiar de outro modo ou reforçando o modo como já a concebeu. A estratégia de persuasão projetiva pode não conseguir fazer o leitor se identificar com a narrativa, já que, como vimos, o ato de linguagem é uma aventura. Isso pode significar o abandono da leitura pelo sujeito-leitor ou, em caso de sua finalização, sua não captura psicoafetiva. O leitor vê o que foi encenado, mas, quando chega ao discurso, rejeita-o por não se identificar com seus imaginários ou, o que é pior, nem mesmo considera refletir a respeito.

De tudo que há no “real”, Duvivier opta por fixar pela escrita os desafios, os medos e as inseguranças de sua paternidade, demonstrando que todo enunciado resulta já de posicionamentos e de escolhas que afastam certos sentidos e evidenciam outro; o enunciado cria uma direção de sentido, um “futuro discursivo”⁴ (Koch, 2015, p. 28), em detrimento de outros futuros possíveis. Essa orientação “do olhar” pelo dizer-mostrar, que visa fazer ver, reparar e considerar, é depreendida da organização narrativa (especialmente das ações das personagens e das sequências de ações da lógica narrativa) e intensificada pelo efeito de realidade dessa mesma organização, que apresenta como autênticos os eventos vividos. O relato do pai “marinheiro de primeira viagem” se encena como fragmentos da vida, com os quais o leitor “pode estabelecer relações de atração, de rejeição (ou as duas ao mesmo

4 Nomenclatura típica dos estudos em Semântica Argumentativa, mas usada neste artigo por sua força imagética: “A que lugares semântico-discursivo o sujeito busca levar seu interlocutor ao enunciar?”.

tempo) e que o auxiliarão, durante o tempo da narrativa, a exorcizar seu ‘mal de ignorância’” (Charaudeau, 2019, p. 156), retornando à vida, se não mais maduro, abastecido, ao menos, pela experiência do outro.

5 Considerações finais

Este estudo defendeu a importância de se refletir sobre as narrativas como lugares de interação argumentativa, de influência de percepções e interpretações do mundo. A análise da crônica de Gregório Duvivier demonstrou que, por meio da organização narrativa do discurso literário, é possível revelar a orientação argumentativa implícita dos textos, mesmo os considerados menos controversos, polêmicos ou engajados. Chamamos de orientação argumentativa essa reorientação do olhar, cuja leitura nos deixa ver as abordagens e projeções de mundo materializadas no texto. Duvivier, pela palavra, divide conosco suas experiências e, com ela, seus ensinamentos e seus valores, levando-nos a (re)ver e a (re)considerar a paternidade como um lugar de (ins/es)tabilidade e (in)segurança.

Este artigo deseja contribuir, assim, com as reflexões sobre leitura crítica de narrativas e a formação de sujeitos-leitores críticos, capacitados para inferir as abordagens de mundo presentes na prosa literária, reconhecendo que há nelas sempre estratégias que, propositalmente ou não, agem sobre as percepções, as emoções, os valores e as crenças dos leitores. O sujeito-leitor crítico, consciente da existência de uma orientação dada pelos caminhos da narrativa, poderá não só alcançar seus sentidos, entendidos como apreensões particulares do mundo, mas também refletir conscientemente sobre eles.

A análise proposta deve ser replicada em outros gêneros narrativos, a fim de contribuir com novas perspectivas em torno da argumentação inerente ao ato de contar histórias – um campo de investigação frequentemente negligenciado nos estudos discursivos.

Agradecimentos

Washington Elias Paes agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa de mestrado (nº do processo: 88887.948825/2024-00).

Referências

- AMOSSY, R. **A Argumentação no Discurso**. Coordenação da tradução de E. L. Piris e M. Olímpio-Ferreira. Tradução de Â. M. S. Corrêa *et al.* São Paulo: Contexto, 2020.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.
- CANDIDO, A. A vida ao rés-do-chão. In: **Para gostar de ler: crônicas**. Volume 5. São Paulo: Ática, 2003. p. 89-99.
- CARDOSO, E. C. Gêneros discursivos entre restrições e liberdade. In: XAVIER, G. *et al.* (orgs.). **Semiolinguística aplicada ao ensino**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 127-152.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução de F. Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- CHARAUDEAU, P. **A manipulação da verdade: do triunfo da negação às sombras da pós-verdade**. Tradução de Dóris de Arruda C. da Cunha e André Luís de Araújo. São Paulo: Contexto, 2022.
- CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. Tradução de R. de Mello. In: MENDES, E.; MACHADO, I. L. **As emoções no discurso**. v. II. Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 23-56.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. Tradução de F. Komesu e D. F. da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006.
- CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Tradução de A. M. S. Corrêa e I. L. Machado. São Paulo: Contexto, 2019.
- CHARAUDEAU, P. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L.; GAVAZZI, S. (org.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 11-29.
- CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. Tradução de I. L. Machado, R. de Mello e W. V. Rolim. In: MARI, H. *et al.* (org.). **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001. p. 23-38.
- CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. Tradução de R. de Mello. In: MACHADO, I. L.; de MELLO, R. **Gêneros: reflexões em análise do discurso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, p. 13-41, 2004.
- CRUBER, L. A culpa não é de Werther: Livro de Goethe, associado à onda de suicídios, denuncia a falta de boas referências a serem seguidas. **Revista Arco [UFSM]**, Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/efeito-werther>. Acesso em: 10 jul. 2024.

- DUVIVIER, G. O momento em que sua filha descobre a verdade sobre você. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 22 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduivier/2018/01/1952243-o-momento-em-que-sua-filha-descobre-a-verdade-sobre-voce.shtml>. Acesso em: 01 ago 2024.
- ESOPO. O homem cego. In: ESOPO. **Fábulas Esopo**. Tradução de B. Brandão e R. D. de Souza. Rio Grande do Sul: Clube de Literatura Clássica, 2024. p. 69.
- FERES, B. **Discurso amoroso na literatura infantil**. São Paulo: Contexto, 2023.
- FERES, B. dos S. et al. Teoria Semiollingüística de Análise do Discurso: uma introdução. In Dela-Silva, S.; Esteves, P. M. da S. (orgs.). **Teorias do texto, do discurso e da tradução**. Niterói: Eduff, 2023.
- FERES, B. dos S. Narrar para convencer: “picturebooks” como instrumento de resistência social. In: **Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa (SIMELP)**, 6, 2021, *Anais eletrônicos* [...]. Santarém: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, 2021, p. 2943-2958. Disponível em: <https://repositorio.ipsantarém.pt/handle/10400.15/3891>. Acesso em 30 de mai. de 2024.
- FERREIRA, L. A. **Leitura e persuasão: princípios de análise retórica**. São Paulo: Contexto, 2023.
- FIORIN, J. L. **Elementos de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2022.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2007.
- JOUBE, V. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2020.
- LEFFA, V. J. Ler para intervir: uma proposta de texto como ação. In: CAIADO, R.; LEFFA, V. (orgs.). **Linguagem: tecnologia e ensino**. Campinas: Pontes Editores, 2021.
- MACHADO, I. L. Uma teoria de análise do discurso: a semiollingüística. In: MARI, H. et al. **Análise do discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte, UFMG/FALE, Núcleo de Análise do Discurso, 2001, p. 39-62.
- MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2013.
- PAIVA, V. L. M. de O. **Manual de pesquisa em estudos lingüísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.
- REBELLO, I. A Semiollingüística vai para a escola. In: XAVIER, G. et al. (org.). **Semiollingüística aplicada ao ensino**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 15-39.
- SACRINI, M. **Leitura e escrita de textos argumentativos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2022.
- SANTOS, J. F. dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
- XAVIER, G. Os modos de organização do discurso. In: XAVIER, G. et al. (org.). **Semiollingüística aplicada ao ensino**. São Paulo: Contexto, 2021, p. 97-121.